

A VIDA LITERÁRIA EM UMA COMUNIDADE DE FÃS ON-LINE

Sayonara Amaral de Oliveira*

 <https://orcid.org/0000-0002-7387-0547>

Como citar este artigo: OLIVEIRA, S. A. de. A vida literária em uma comunidade de fãs *on-line*. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO16541

Submissão: 2 de outubro de 2023. **Aceite:** 31 de outubro de 2023.

Resumo: Neste artigo, discutem-se as comunidades *on-line* de *fanfictions*, a partir do entendimento de que essas comunidades operam como mundos da arte (Becker, 2010), os quais consistem em redes de cooperação entre pessoas, com vistas à produção, à distribuição, ao consumo e à legitimação dos produtos artísticos. Concebe-se que, em plataformas dedicadas à escrita e leitura de *fanfictions*, fica evidente a dependência do trabalho coletivo e partilhado no trato com a literatura, sendo que essa dimensão colaborativa é hoje facilitada pelos usos de recursos disponíveis na mídia digital. Para o desenvolvimento da discussão proposta, o presente artigo examina a comunidade brasileira *Nyah! Fanfiction*, que ocupa um *site* homônimo na *web*.

Palavras-chave: Literatura. Cultura fã. Mídia digital. Mundos da arte. *Nyah! Fanfiction*.

*Escritores escrevem na solidão.
Escritores de fanfiction escrevem
com todo um esquadrão de fãs por trás
(Cyndy Aleo apud Jamison, 2017, p. 212).*

* Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Salvador, BA, Brasil. E-mail: soliveira@uneb.br

Não é excessivo afirmar que é mais o mundo artístico do que o próprio artista que faz a obra
(Becker, 2010, p. 174).

■ **E**ncontradas em abundância nas redes digitais contemporâneas, *fanfictions*, *fanfics*, ou simplesmente *fics*, compreendem as ficções produzidas pelo público leitor a partir de suas narrativas favoritas, as quais passam a ser reescritas, reeditadas, segundo os particulares modos de ler desse público.

Embora o termo *fanfiction* tenha se tornado mais conhecido a partir dos anos 1970, com a circulação dos chamados fanzines, a demanda dos leitores por interferir criativamente em seus textos prediletos é muito antiga, e os arquivos literários de conhecidos escritores do passado estão repletos de documentos que o comprovam. Segundo a pesquisadora Anne Jamison (2017), um caso exemplar é o da leitora Belfour (pseudônimo de Lady Brashaig), que travou uma intensa correspondência com Samuel Richardson, dedicada a tratar do alentado romance *Clarissa*, publicado pelo escritor inglês em 1748. Nas cartas enviadas, a leitora questionava, com ansiedade, o destino das personagens de Richardson, não escondendo o seu desejo de que este mudasse alguns rumos da narrativa, os quais lhe desagradavam. Diante das constantes negativas do escritor, que, em respostas às suas cartas, esquivava-se, solícito, das sugestões de mudança nas linhas do enredo já traçado, Belfour optou por uma solução audaciosa: reescreveu todo o romance de Richardson ao seu próprio modo.

Gerações de leitores (em sua maioria, anônimos) vêm produzindo, há tempos, escritas que se abastecem de narrativas alheias, com a finalidade de continuá-las ou recriá-las – prática que se perpetua nas ficções de fãs disponíveis hoje na internet. Contudo, o que concebemos atualmente como o universo da *fanfiction* apresenta uma diferença significativa em relação ao que se fazia no passado. Nos últimos anos, com o desenvolvimento das mídias digitais e o seu extraordinário desempenho como canais de comunicação e de visibilidade para públicos amplos, distante se encontra o tempo em que o fã teria como único e privilegiado interlocutor, caso encontrasse essa chance, o autor de um texto preferido, a quem recorreria para confidenciar ou reivindicar as suas expectativas de leitura. Agora, sob o abrigo de plataformas específicas para o seu arquivamento e divulgação, as escritas dos fãs são produzidas “para uma comunidade de leitores que já querem lê-las, que querem conversar sobre elas e que podem estar escrevendo, também” (Jamison, 2017, p. 49).

Comunidades de fãs compõem verdadeiros mundos da arte, que, na definição do sociólogo Howard S. Becker (2010, p. 22), são “redes de indivíduos cuja atividade cooperativa, coordenada graças a um conhecimento compartilhado dos meios convencionais de trabalho, produz o tipo de obras que estabelecem precisamente a notoriedade do mundo da arte”. Ao examinar concertos musicais, exposições em museus, teatro, mostras de filmes, entre outras modalidades artísticas, o estudo antológico de Becker, publicado na década de 1980, opõe-se ao que ele chamou de tradição dominante na sociologia da arte. Essa tradição, nos seus termos, ainda que concebesse a arte como um fenômeno social, tendia a situar o artista e a obra no centro das análises, o que contribuía para alimentar o mito do gênio criador, aurático, cuja produção pareceria depender apenas

de si mesmo, isto é, do seu talento e esforço individuais. Becker opta, então, por deslocar o olhar para os arredores da prática artística, encontrando aí o mundo da arte – organização social na qual se fazem imperativas a cooperação e a divisão do trabalho entre indivíduos envolvidos em um dado projeto, nas mais diversas etapas desse projeto. Tais indivíduos, que podem se apresentar em número e formas de atuação bastante variáveis, são os próprios artistas e também todos os seus colaboradores em qualquer tarefa: produtores, divulgadores, críticos, intermediários, o “pessoal de apoio” e também o público, seja este um público assíduo ou ocasional.

Ao indagar sobre “todas as atividades necessárias para que uma obra de arte se possa apresentar enquanto tal” (Becker, 2010, p. 28), o sociólogo contempla desde os artefatos materiais necessários para a realização da obra artística até as ações rotineiras das pessoas (ou convenções), as quais tornam possível chegar à versão definitiva da obra e à sua conseqüente distribuição, com vistas à fruição junto aos públicos. Assim, no caso de um concerto a ser executado por uma orquestra sinfônica, considera-se, por exemplo, que os instrumentos tenham sido fabricados e estejam em bom estado de conservação, e que os músicos, uma vez tendo aprendido a tocá-los, passam por sucessivos treinos e ensaios, a fim de aprimorar as suas *performances*. Além disso, há um leque de atividades consideradas “menores”, quase invisíveis – como varrer o palco ou distribuir água e café –, que são cruciais para assegurar o bem-estar dos artistas, dos músicos. Há que se destacar, ainda, a necessária presença de um público minimamente instruído em uma certa história musical, disposto a ouvir e a assistir ao concerto, sem se esquecer das pessoas responsáveis pela divulgação necessária para atrair esse público aos locais da apresentação.

De acordo com Becker, para identificar um mundo artístico, seja em circuitos profissionais ou amadores, é fundamental reconhecer que a arte, como toda atividade humana, requer sempre a colaboração de terceiros e, na maior parte das vezes, envolve um número considerável de pessoas, cuja participação pode ser mais ou menos efêmera, mais ou menos demarcada. Esse princípio de cooperação, que abarca até mesmo as artes cujos processos criativos aparentam ser mais “individualistas” ou solitários – como a pintura de um quadro ou a escrita de um livro –, tende a se evidenciar em experiências artísticas deflagradamente grupais, a exemplo do que ocorre nas artes do espetáculo, como a dança e o teatro, entre outras, ou do que acontece no universo das *fanfictions*, de que trataremos aqui.

Partimos da compreensão de que as comunidades de fãs, operantes nas plataformas digitais contemporâneas, atestam a dependência do trabalho coletivo e partilhado no trato com a literatura. Elas conferem visibilidade à dimensão participativa da vida literária, para a qual é imprescindível a atuação de vários colaboradores, mediante os acordos que entre estes se firmem.

STATUS: SEM FIM LUCRATIVO

No Brasil, consideremos a comunidade *on-line* de fãs *Nyah! Fanfiction*, assim nomeada em tributo a um famoso *anime* japonês do início dos anos 1990, *Tenchi Muyo*, que tornou marcante o uso da expressão “*Nyah!*” na fala de uma de suas personagens. Em atividade na rede desde 2005, a comunidade dispõe de um *site* que oferece aos seus membros cadastrados a oportunidade de publicar *fanfics*

de sua autoria, bem como o ensejo para ler e comentar as produções de outros fãs escritores. Além do *site*, a *Nyah!* também conta com um *blog* e uma página no Twitter (atual X), que se somam a quatro grupos fechados no Facebook. Todas essas páginas virtuais levam o selo da comunidade, a qual reúne atualmente um mínimo estimado de 19 mil integrantes, se considerarmos apenas o número de inscritos na maior página do grupo no Facebook¹.

O *site Nyah! Fanfiction* compõe um amplo *acervo* de publicações, em que estão hospedadas todas as *fanfics* produzidas e postadas pelos participantes da comunidade. Como se trata de uma plataforma com capacidade suficiente para suportar um grande volume de dados e de ferramentas operacionais, é evidente que há custos para a sua manutenção na rede. Parte desses custos é suprida com a receita oriunda da veiculação de anúncios publicitários pagos na *home-page* do *site* – uma iniciativa muito comum do chamado marketing digital, na atualidade. Mais recentemente, a partir de 2020, a comunidade também passou a estimular a contribuição financeira de seus membros, sob a forma de doação voluntária de uma taxa anual, cuja arrecadação visa custear a atualização e ampliação dos recursos técnicos da plataforma². O pagamento opcional da taxa garante uma espécie de assinatura *premium*, que dá direito ao usuário de evitar os anúncios publicitários enquanto acessa o conteúdo do *site*, tornando, assim, a sua leitura mais fluida e agradável.

Essas informações sobre gastos e ganhos são relevantes para entender a diferença entre comunidades *on-line* independentes, criadas e administradas por fãs, como a *Nyah! Fanfiction*, e outras plataformas que, embora sejam de uso gratuito, vinculam interesses empresariais e comerciais. A Wattpad, por exemplo, *start-up* criada no Canadá em 2007 e hoje muito popular em diversos países, também se volta para a publicação e divulgação grátis de produções de fãs. Mas isso não a impede de construir, lateralmente, um modelo eficiente de negócio, quando promove a venda de livros autopublicados, originados de *fanfictions* ou não, por meio do programa Paid Stories. Como estratégia, disponibilizam-se gratuitamente no *site* os primeiros capítulos das publicações, a título de degustação, e o usuário que se interessar em prosseguir na leitura deverá efetuar a compra do texto restante, conforme as instruções disponíveis na plataforma. Pode-se adquirir o livro completo de uma só vez ou realizar a compra de cada capítulo separadamente. A receita gerada nessas operações é repartida entre a plataforma e os autores dos textos vendidos.

O procedimento de comercialização das narrativas, adotado na Wattpad, é exemplar do modo pelo qual o universo corporativo tem se apropriado das produções dos fãs, na atualidade, por enxergar aí um nicho mercadológico de grandes possibilidades, sobretudo após o advento da Web 2.0, que favoreceu planos de negócios rentáveis com o aproveitamento de conteúdos criados por usuários na rede. Vale lembrar que a Amazon, imponente empresa de comércio digital, lançou, em 2013, uma plataforma própria para a monetização de *fanfictions*, a

1 Registro, aqui, o quantitativo indicado apenas no grupo oficial do Facebook, pois o *site* da comunidade não informa o número total de usuários cadastrados.

2 Conforme é comunicado no *site*, a ampliação dos recursos da plataforma resultou na construção de um novo *site*, o "*plus fiction*", que abrigará todo o conteúdo da antiga plataforma *Nyah! Fanfiction*, com a promessa de oferecer melhores e mais rápidas atualizações tecnológicas. Hoje, a comunidade está em processo de migração para o novo *site*, que está ainda em fase de finalização, mas já pode ser acessado no seguinte endereço: <https://pt.plusfiction.com>

Kindle Worlds, que se encerrou em 2018. A proposta da plataforma era comercializar *fanfictions* criadas a partir de um cardápio de obras originais, obras cujos direitos autorais eram previamente negociados e licenciados com esta exclusiva finalidade: servir de fonte para a escrita fã. O fã escritor interessado em escrever e publicar mediante esse vínculo ou contrato recebia de 20% a 35 % do lucro sobre a venda da sua *fanfic* na plataforma.

Seguindo pela rota alternativa, a *Nyah! Fanfiction* não apenas se nega a cobrar taxas obrigatórias para o acesso à plataforma, bem como impede os seus membros de fazerem postagens com “a divulgação de produtos, lojas ou sites que contenham caráter financeiro” – informação disponível no site³. Ao rejeitar qualquer referência à monetização sob os seus domínios, a comunidade opera segundo um princípio ético que é caro à tradição da cultura fã. Para Henry Jenkins (2015, p. 167), tal princípio “reflete menos uma resistência geral política ou econômica ao capitalismo e mais o desejo de criar formas de produção e distribuição cultural que reflitam o mutualismo da comunidade fã”. Dito de outro modo, vigora na cultura fã uma “economia da doação” (Jenkins, 2015, p. 242) – um pacto coletivo feito em nome de trocas livres, mediante o qual os textos produzidos são tomados não como objetos de interesse comercial, mas como artefatos oferecidos e celebrados entre pares, os quais compartilham da mesma paixão pelos mundos ficcionais que inspiram esses trabalhos.

A recusa à comercialização de *fanfictions* está longe de ser um tema pacífico nas comunidades. Nas palavras de Ane Jamison (2017, p. 259),

[...] o princípio de que “não deves lucrar com fanworks” na cultura de fã foi, dependendo de quem for seu interlocutor, um princípio fundador quase sagrado e inviolável, totalmente necessário. Para outros, dentro da mesma comunidade, é apenas um mal necessário.

De um lado, desvincular a arte do fã do estatuto de mercadoria parece evocar o sentido original do conceito de trabalho “amador” – feito com/por amor (Shirky, 2011, p. 72), tangenciando uma certa aura de encantamento, pela aposta no caráter desinteressado da criação. De outro lado, há quem considere ser a produção do fã tão apta à remuneração financeira quanto qualquer outro trabalho artístico ou literário disponível no mercado profissional de publicações. Cabe observar que a polêmica em torno do assunto vem se acirrando nos últimos anos, à medida que fãs escritores, nativos de plataformas digitais, migram para uma carreira de sucesso no mercado editorial, tendo as suas *fanfics* transformadas em *best-sellers* consolidados⁴.

Apesar de alguns (não necessariamente poucos) posicionamentos contrários, podemos concluir que o trabalho “sem fins lucrativos” ainda é priorizado como um preceito básico nas comunidades de fãs, e a recompensa almejada estaria na ordem dos ganhos intangíveis, com as suas cargas de investimentos emocionais e morais, segundo estudiosos. Não se trata de romantizar a cultura fã, ao buscar

3 https://fanfiction.com.br/pagina/22/termos_de_uso

4 Entre outros exemplos, o caso mais notável é ainda o da escritora britânica E. L. James, com a sua famosa trilogia *Cinquenta tons de cinza*, cujo primeiro volume foi publicado em 2011 pela editora australiana *Writer's Coffee Shop*. Antes da publicação em livro, *Cinquenta tons...* surgiu originalmente (sob outro título) na plataforma *Fanfiction.net*, em 2009, como *fanfic* derivada da saga *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer. O êxito estrondoso conquistado inicialmente na plataforma *on-line* foi a chave de ingresso da autora no mercado de livros, em escala mundial. Antes de firmar o seu primeiro contrato com uma editora, “James já era uma celebridade da *fanfic* com mais de 5 milhões de leitores”, como afirma Derek Thompson (2018, p. 223).

dissociá-la da lógica capitalista em que todas as culturas digitais estão hoje imersas, conforme advertem Jenkins, Ford e Green (2014, p. 104). Afinal, na *web*, o trabalho que os fãs enxergam como um objeto de oferta e partilha gratuita pode facilmente mudar de *status*, convertendo-se em “conteúdo gerado por usuário”, segundo o jargão dominante das empresas de mídia, interessadas em monetizar esse conteúdo. Porém, para as comunidades de fãs que permanecem independentes parece importar mais a satisfação por realizar e compartilhar o “trabalho bem-feito”, assim como o orgulho diante da reputação conquistada no interior do grupo. Pelo menos, até o presente momento, é possível inferir que esse tipo de gratificação, evocando sistemas alternativos de valor, extramonetários, seja suficiente para abastecer o mundo artístico que comunidades como a *Nyah! Fanfiction* constroem junto aos seus membros.

UMA REDE DE ESCRITAS EM RETROALIMENTAÇÃO

Desde que os primeiros clubes de fãs se formaram no passado, em rodas de conversas, trocas de cartas ou distribuição de fanzines, as suas existências se devem ao engajamento de seus membros, que investem tempo e força de trabalho voluntário para administrar a vida produtiva dos grupos aos quais se integram. Não será diferente no espaço da internet, quando a cultura fã passa a usufruir, majoritariamente, dos recursos da mídia digital. No caso da *Nyah! Fanfiction*, a comunidade conta hoje com uma equipe de cinco membros responsáveis pelo seu gerenciamento, conforme é informado no *site*. Esse pequeno grupo divide tarefas que vão desde o desenvolvimento e manutenção do sistema operacional da plataforma até o fornecimento de suporte técnico aos usuários, incluindo também a moderação do conteúdo postado no *site*. A equipe gerenciadora se incumbem ainda de administrar, com o auxílio de outros colaboradores, páginas no Facebook e uma conta no Twitter (atual X), expandindo as redes de contato da comunidade junto a essas mídias sociais também.

Embora tais mídias mais recentes contribuam de maneira singular para o estreitamento das relações entre os membros do grupo, é o *site Nyah! Fanfiction* que constitui o núcleo da comunidade, espaço no qual as *fanfics* criadas pelos participantes são postadas, arquivadas e disponibilizadas à leitura. Apresentando uma estrutura que se repete, com poucas variações, na maioria das plataformas de *fanfics* ativas hoje na *web*, o *site* é dividido em algumas seções: a seção “Categorias” compreende os formatos e gêneros textuais das obras que servem de base para as produções dos fãs (livros, filmes, jogos, quadrinhos etc.) e inclui também a categoria “histórias originais”, reservada para criações que não derivam expressamente de uma obra preexistente; a seção “Português”, que contém uma série de aulas acerca dos usos da gramática normativa, a fim de ajudar os escritores a aprimorar a redação de seus textos; a seção “Liga dos betas”, que reúne os membros voluntários dispostos a revisar e orientar a feitura dos textos, caso o fã escritor solicite esse auxílio; e as seções “Termos de uso”, “Regras de postagem” e “Regras de conduta”, que, em conjunto, cuidam de esclarecer sobre assuntos técnicos atinentes às publicações, bem como instruem acerca de questões éticas, as quais vão desde o respeito à propriedade intelectual até a proibição

de conteúdos incentivadores ou disseminadores de discriminações, seja por cor, sexo ou religião, entre outros tópicos⁵.

Nas plataformas de *fanfiction*, as narrativas são geralmente serializadas; o fã escritor posta capítulos ou atualizações e o leitor acompanha as histórias enquanto são escritas, podendo também tecer comentários sobre elas. À diferença do que acontece no campo literário profissional, cujo número de escritores ou autores é, via de regra, mais escasso que o de leitores, as comunidades de fãs democratizam o processo da escrita, dando ao seu público participante a oportunidade de atuar, de forma equiparada, nas duas frentes: a da recepção e também a da produção dos textos. Como afirma John B. Thompson (2021, p. 435), “nesses mundos *on-line*, a porta que separa os leitores dos autores está escancarada, não é preciso de chave para destrancá-la, nem de uma autorização especial para passar de um papel a outro”. Com frequência, ao tempo que consomem *fanfics* alheias, os fãs estão criando as suas próprias *fanfics* e publicando-as, o que assegura o objetivo primordial dessas plataformas, que é o de reunir pessoas em torno das atividades compartilhadas de escrever e de ler histórias.

Com o intuito de alcançar esse objetivo, não é suficiente criar um *site* que sirva tão somente como repositório de textos e esperar que os seus possíveis participantes simplesmente compareçam naquele espaço. Para que uma plataforma de *fanfictions* opere como uma comunidade, vindo a configurar um mundo da arte, torna-se fundamental construir rotinas de participação no interior do grupo e mobilizar todos os seus membros no atendimento a essas rotinas. É necessário, sobretudo, incentivar esses membros a frequentar o espaço, bem como instigá-los a ler os textos que são aí publicados, cabendo, ainda, convocá-los a se manifestar quanto às leituras que realizam, o que irá demarcar um envolvimento efetivo com os conteúdos disponibilizados no *site*.

Na *Nyah! Fanfiction*, as rotinas de participação são estimuladas desde a dinâmica que guia o uso interativo da plataforma digital por seus frequentadores. Diante da página de uma *fanfic* publicada, por exemplo, é possível aos usuários ou leitores dispor dos seguintes recursos: tecer comentários (*feedbacks*) sobre a narrativa lida, adicionar a narrativa à sua lista de textos favoritos e/ou também recomendá-la ao público geral. Todos os recursos funcionam de forma independente, em abas específicas para cada um deles, conforme seja de interesse do leitor ou usuário executá-los ou não. A cada vez que um recurso é acionado, essa operação entra na base de dados da plataforma, contabilizando resultados que vão servir para agregar valor às *fanfics* publicadas, sob a forma de uma eficiente estratégia promocional. Ocorre que as narrativas mais comentadas, “favoritadas” e recomendadas são filtradas pelos algoritmos do sistema e passam, assim, a ter os seus títulos e capas exibidos em lugar de destaque na *homepage* do *site*. A exibição é feita à maneira de anúncio publicitário, encabeçado pela seguinte pergunta, dirigida aos usuários da plataforma: “Procurando algo para ler?”. Em cada visita que o usuário faça ao *site Nyah! Fanfiction*, o sistema irá variar automaticamente os títulos das *fanfics* anunciadas na *homepage*, o que garante a rotatividade das ofertas.

5 Na *Nyah! Fanfiction*, assim como na maioria das comunidades *on-line*, tais termos e regras são divulgados na *homepage* do *site*, devendo funcionar como uma espécie de acordo prévio, ao qual todos os usuários aderem à medida que se cadastram na plataforma da comunidade.

Contando com os recursos técnicos da mídia e com os usos que se podem fazer desses recursos, a comunidade proporciona aos seus participantes a oportunidade de negociar o que Pierre Bourdieu (2004, p. 20) define por capital simbólico – “capital de consagração que implica um poder de consagrar, além de objetos (é o efeito de grife ou assinatura) ou pessoas (pela publicação, exposição, etc.), portanto, de dar valor e de obter benefícios desta operação”. Para o fã escritor de *fanfiction*, em uma economia que, a princípio, não visa ao retorno financeiro, ter as suas histórias no *ranking* das mais cotadas pelo público, divulgadas no *site* como “sugestão de leitura”, serve não somente como estímulo à criação de novos textos, como também favorece o crescimento de uma reputação positiva no interior da comunidade.

Mas não é somente quando ocupam a posição de escritores ou produtores que os fãs passam a desfrutar do benefício da reputação junto à comunidade. Na dinâmica da plataforma *Nyah! Fanfiction*, reconhecimento e prestígio podem também incidir sobre o público leitor, conforme esse público se mostre disposto a assumir um papel mais participativo na comunidade, ao tecer comentários sobre os textos criados e publicados pelos membros do grupo. Diante dos comentários ou *feedbacks* de leitura que os fãs postam na página de uma *fanfic* publicada, o autor da referida *fanfic* poderá não somente responder aos comentários emitidos, bem como terá ainda a opção de indicar no sistema quais desses comentários julgou serem os mais relevantes. Essa última operação, ao entrar na base de dados da plataforma, servirá para recompensar os leitores indicados, levando-os a figurar na lista de “Melhores leitores da semana”, a qual também é exposta na *homepage* do *site* e vai sendo atualizada regularmente.

Como um símbolo de destaque, a insígnia “melhor leitor da semana” funciona como motivação para os membros da comunidade exporem os seus relatos de leitura. E tais relatos, por sua vez, irão incentivar novas produções dos fãs escritores, desejosos por conhecer o que o público leitor tem a dizer sobre os seus textos e/ou por mensurar o capital simbólico que conseguiram reunir junto a esse público. Enquanto os leitores escolhem e prestigiam as melhores *fanfics* e seus respectivos autores, estes últimos também elegem e prestam reconhecimento aos seus leitores. Mutuamente, autores e leitores fãs se “favoritam” – para empregar aqui um jargão das redes sociais –, o que contribui para assegurar a participação efetiva dos membros na comunidade e reabastecer, de forma contínua, o circuito literário.

A ausência de comentários causa grande desconforto entre os fãs escritores, revelando que a construção de um ambiente de trocas livres e participativas não dispensa o cumprimento de certas responsabilidades, entre elas, a de emitir alguma opinião sobre a produção lida. Como observa Clay Shirky (2011, p. 85), “atenção é a moeda da *fanfiction*; o pedido de ‘por favor, leia e comente (em inglês, *read and review*) a minha história’ é tão comum que foi encurtado para R&R”.

Não por acaso, na cultura fã, tem sido comum empregar a expressão “leitor fantasma” para ironizar aquele ou aquela leitora que consome as *fanfics* publicadas, mas não se dispõe a postar nenhum *feedback* de leitura nas plataformas. Tal comportamento é criticado com veemência, pois, para a maioria dos escritores, os demais membros do grupo, que também ocupam a condição de autores de *fanfics*, deveriam ser os primeiros a reconhecer que a falta de retorno do público afeta negativamente o potencial criativo de quem escreve. No *site* da *Nyah!*, essa crítica fica explicitada em um texto de título emblemático, “Escritoras Surtadas!”,

assinado por NandaSalvatore, que aborda o assunto com inusitado bom humor, mas sem dispensar o tom contundente:

Já percebeu que até os fantasmas do “Atividade paranormal” se manifestam? Pois é, se os fantasmas ficassem apenas nos observando na paz, no silêncio, não ia ter filme, não ia ter clímax, não ia ter nada! [...] Mas, cara, por que só os fantasmas leitores de fanfics ficam quietinhos na moita sem falar nada?, Não consigo entender! Não tem nada mais triste do que ficar atualizando as notificações do Nyah e não encontrar nada. Acaba com a inspiração, com a empolgação, com tudo! [...] Vou finalizar com a oração das escritoras: “que os fantasmas saiam de todas nós e virem comentários. Amém” (Nyah! Fanfiction, s. d.)⁶.

Para compreender a necessidade de “sacudir” os fantasmas, de libertar os leitores da letargia, conforme demanda o texto acima, é preciso ter em consideração o importante papel reservado à prática do comentário na comunidade. Na plataforma *Nyah! Fanfiction*, o espaço destinado a comentar cada capítulo de uma *fanfic* traz os seguintes campos para preenchimento: “O que mais gostou no capítulo?”, “O que acha que precisa ser melhorado?” e, por último, “Comentários adicionais”. Embora o público-leitor não seja obrigado a atender fielmente ao que é solicitado e possa optar por escrever livremente fora dos campos indicados, fica claro que, diante dessas interpelações, não é satisfatório enviar qualquer tipo de comentário, que seja emitido apenas por cortesia. Espera-se do comentador algo similar a um parecer de leitura, com direito a prós e contras, que atribua significado ao que foi lido e seja capaz de contribuir para o processo da escrita do texto. E um parecer, por mais breve que seja, exige certa dose de arguição e empenho na elaboração do discurso. Diante dessa cobrança, não por acaso alguns leitores se sentem impelidos a utilizar o espaço do comentário para, justamente, reconhecer e justificar a ausência de comentários, alegando a sua falta de tempo para escrever ou a inibição por não saber o que dizer, mesmo admitindo ter gostado muito do texto lido.

Sem perder de vista que todos os comentários ficam expostos publicamente no *site*, servindo, assim, como um bônus de reconhecimento para as *fanfics* comentadas e seus respectivos autores, a função primordial do comentário é prover uma recepção qualificada dos textos produzidos na comunidade. Na plataforma, os leitores comentadores são convocados a atuar à maneira de “especialistas anônimos”, dos quais já falava Walter Benjamin (1994) na longínqua década de 1930, quando observou que, mediante o desenvolvimento da técnica e dos meios massivos de comunicação, figuras anônimas, pessoas comuns, estariam prontas a se pronunciar em qualquer área ou atividade de seu interesse, ocupando espaços de fala antes reservados a artistas e intelectuais de formação comprovada em seus respectivos campos.

Contemporaneamente, com a abertura de acesso promovida pelas mídias digitais junto a públicos amplos, as comunidades de fãs intensificam esse poder de uso mais democrático da arte e dos saberes em geral, anunciado por Benjamin. E o fazem na medida em que convocam os seus integrantes a realizar leituras atentas, que venham estimular os autores a produzir mais e melhores textos. A título de ilustração, seguem trechos transcritos, retirados de um longo comen-

⁶ Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/695266/Escritoras_Surtadas/capitulo/1/. Na transcrição dos textos postados na plataforma, mantenho aqui as suas marcas linguísticas originais.

tário postado no *site* da *Nyah! Fanfiction*. Trata-se de um comentário assinado por Heelsouza e dirigido ao primeiro capítulo da *fanfic* *Cross destination*, escrita por Babycool:

[...] Meu Deus!!!! Eu já amei! Juro! Estou muito ansiosa para o próximo capítulo! Ótima escrita! Quero muito saber o que vai acontecer nos próximos! Amei mesmo! Só quero notificar duas coisas, por favor não fique chateada! É uma crítica boa que vai ajuda-la ainda mais! 1) Você pôs muitos links e apesar de ser algo legal, fica muito cansativo para os leitores sabe?! Toda hora parar a leitura para abrir uma nova página! Eu por exemplo, gosto de fanfics que tenham links de look ou de casas etc, mas quando são dois no máximo três, assim não fica tão parada a leitura! 2) Você esqueceu os travessões antes das falas! kkkkkkk não sei se foi o computador ou se esqueceu mesmo, mas se foi o computador não se preocupe já aconteceu comigo várias e várias vezes, o bom é sempre revisar antes de postar [...] (Nyah! Fanfiction)⁷.

Como podemos notar nessa fala, que se cerca de cuidados ao tecer determinadas críticas à *fanfic* comentada, grande parte dos esforços das comunidades se dirige ao aprimoramento da escrita dos fãs. E é em razão desses esforços que ganha destaque uma figura imprescindível ao mundo da arte fã: o leitor beta. Diferentemente dos leitores comentadores, que são convidados a emitir os seus pareceres publicamente na página de uma *fanfic*, o leitor beta vai agir primordialmente nos bastidores da criação, em diálogo privado e direto com aqueles fãs escritores que solicitem os seus préstimos. A leitura beta, inspirada na expressão “teste beta”, oriunda da área da computação⁸, consiste em fazer a revisão minuciosa de uma *fanfic*, antes de sua publicação, sugerindo ajustes de cunho gramatical e também atinentes à composição estética do texto, como a construção do enredo, do ponto de vista, das personagens, entre outros elementos estruturais do texto narrativo.

Na *Nyah! Fanfiction*, “betar” textos, como se costuma dizer, é uma atividade praticamente institucionalizada, e há um *staff* de leitores credenciados para essa função – a “Liga dos Betas” –, os quais passam por uma seleção cuidadosa, divulgada inclusive por meio de edital⁹. No texto de apresentação da “Liga”, fica explícito que ali não se trata de um grupo de revisores profissionais, e sim de pessoas que, por conta de seu interesse e relativa experiência no trato com a linguagem, colocam-se à disposição das demandas de produção textual dos outros membros da comunidade. Nessa atividade, o leitor beta também faz as vezes de um crítico literário, cuja função, porém, não é fornecer a sua apreciação na forma de um resultado, por meio da palavra sentenciosa, e sim acompanhar a feitura dos textos, avaliando-os e sugerindo contribuições voltadas para o processo de sua construção. Vale destacar que a “Liga dos Betas” possui um *blog* próprio e também se faz presente com a produção de conteúdos sobre orientações de escrita em outros canais de mídia, vinculados ao *blog*, seja na forma de vídeo, com o canal “Recanto da Liga” no YouTube, seja em áudio, por meio do canal de *podcast* “Liga Betacast”.

7 Disponível em: <https://fanfiction.com.br/reviews/historia/761086/>. Acesso em: 15 set. 2023.

8 O termo teria sua origem em uma antiga prática da International Business Machine, a IBM, companhia produtora de *hardware* e *software*. A prática consistia em selecionar pessoas para testar um produto ainda em fase de acabamento, de acordo com Maria Lucia Bandeira Vargas (2015, p. 42).

9 Conforme a listagem disponível no *site*, a comunidade *Nyah! Fanfiction* dispõe hoje de 45 leitores beta cadastrados.

O trabalho de “betagem”, na Nyah!, é realizado gratuitamente, em caráter voluntário, mas isso não dispensa as obrigações a serem cumpridas pelo leitor beta, que, no exercício da tarefa, deve se guiar pelo código de conduta da Liga. Redigidas, literariamente, ao estilo dos “mandamentos” bíblicos, as oito cláusulas do código são apresentadas por meio de um discurso firme, embora jovial e por vezes divertido, de modo a dar conta do comprometimento que o trabalho a realizar exige:

NOSSO CÓDIGO DE CONDUTA

- 1 – Serás humilde em tuas betagens, jamais usando de arrogância ao demonstrar teu conhecimento.
- 2 – Betarás por solidariedade, e tão somente isso. Não esperarás nada em troca.
- 3 – Compartilharás teu conhecimento com teus autores visando o crescimento deles.
- 4 – Jamais abandonarás uma fic a não ser que a falta de tempo ou negligência/arrogância do autor dê motivos para isso.
- 5 – Respeitarás o autor, por mais que discordes de suas escolhas; a fic é dele, ele decide no final.
- 6 – Não betarás “nas coxas”, dedicar-te-á com seriedade.
- 7 – Serás cortês, educado, gentil e, quando for proveitoso, rigoroso e incisivo, jamais, porém, faltar com respeito.
- 8 – Serás sincero, nunca temendo a crítica honesta (Nyah! Fanfiction)¹⁰.

Ainda que a credencial de leitor beta possa conferir um capital simbólico diferenciado para aqueles que a ostentem, o esperado é que não se instaurem relações hierárquicas de poder e saber entre os betas e demais membros do grupo. Como observa Henry Jenkins (2009, p. 250), as comunidades de fãs oferecem oportunidades de aprendizado porque “dependem da instrução de seus pares, de igual para igual, com cada participante constantemente motivado a adquirir novos conhecimentos ou refinar suas habilidades existentes”. Ainda nos termos do autor, “esses espaços de afinidades permitem a cada participante sentir-se um expert, ao mesmo tempo que recorre à expertise de outros” (Jenkins, 2009, p. 250).

Para assegurar a atmosfera de diálogo entre pares, na contramão da tradicional relação vertical mestre-discípulo, a postura mais eficaz a ser adotada consiste em reconhecer as limitações na ordem do saber, o que equivale dizer: ninguém sabe tudo. Na *Nyah! Fanfiction*, essa postura é demonstrada à medida que todos os betas, em suas identificações no *site*, devem preencher uma lista na qual constam os seus pontos fortes e também os seus pontos fracos quanto ao ofício da betagem. Há aqueles, por exemplo, que se declaram pouco capacitados para apurar problemas gramaticais nos textos, outros afirmam ter dificuldades em avaliar a coerência do enredo, o desenvolvimento da trama, aspectos de verossimilhança e assim por diante. Munido dessas informações, que estão disponibilizadas no *site* da comunidade, o fã escritor poderá recorrer a um beta cujas habilidades sejam mais afinadas às necessidades do seu trabalho, sabendo, de antemão, que estará diante não da autoridade de um mentor infalível, e sim de um parceiro ou parceira dispostos a compartilhar conhecimentos e contribuir “humildemente” para a feitura dos textos, ainda que “nunca temendo a crítica honesta”, conforme determina o código da Liga.

¹⁰ Disponível em: http://fanfiction.com.br/liga_dos_betas/. Acesso em: 15 set. 2023.

OUTROS RITUAIS DE COLABORAÇÃO

Podendo contar com os *feedbacks* de leitura esperados dos comentários do público e com o trabalho diligente dos betas, a comunidade assume o *modus operandi* de uma oficina literária, expandindo essa característica para os grupos que mantém no Facebook – o “SBLAN (Sociedade dos Betas Leitores e Autores do Nyah!)”, o “*Nyah! Fanfiction* Escritores”, o “*Nyah Fanfiction* Canto da leitura”, e o maior deles: “*Nyah! Fanfiction* (Oficial)”. Sem dúvida, a rotina de participação dos membros se avigora com o uso da ferramenta dessa rede social, que agiliza o ritmo das postagens e da comunicação entre os usuários.

Os fãs fazem uso da dinâmica do “Face” para os mais diversos fins, desde, por exemplo, divulgar os *links* e sinopses das suas produções publicadas no *site* até solicitar aos demais participantes indicações de *Fanfics* que tratem de temas ou de gêneros textuais específicos, sobre os quais os solicitantes gostariam de ler naquele momento. Muitos pedem indicações de algum leitor beta disponível ou buscam a ajuda de capistas para confeccionarem as capas de suas *fanfics*. Alguns participantes, utilizando-se da ferramenta de enquete do Facebook, tomam a iniciativa de pesquisar entre o grupo sobre os gêneros de escrita mais praticados na comunidade, sobre os tipos preferidos de personagens ou sobre a relevância de algum tema específico que lhes interessa desenvolver em uma história, entre outras curiosidades, ligadas, em geral, a conhecimentos e atividades do mundo literário.

Há também os participantes que se propõem a “trocar comentários” ou “trocar leituras”. Trata-se de uma prática peculiar, que pode ser descrita do seguinte modo: alguém oferece uma narrativa de sua autoria, para que esta seja lida e comentada por algum membro do grupo; em retribuição, compromete-se a ler e comentar uma *fanfic* criada e ofertada por aquele que aceitou ler o seu texto. A permuta não acontece somente entre duplas, pois quem toma a iniciativa de propor a troca pode ter a sua solicitação atendida por vários participantes da comunidade, o que vai resultar em uma rede ampliada de intercâmbios de textos, leituras e *feedbacks*. Mas isso não significa dizer que a proposta encontre plena aceitação entre os membros da comunidade. Em postagens na rede social, é possível também encontrar manifestações de quem se recusa a participar dessas permutas endereçadas. Alguns fãs escritores justificam a sua recusa alegando o insucesso de experiências anteriores, quando se esmeraram na produção de um comentário ou parecer de leitura sobre certas *fanfics* ofertadas e não receberam de volta o mesmo empenho de seus interlocutores ou parceiros de trocas. O certo é que, apesar dos possíveis contratempos que venham a surgir, “trocar comentários” se revela uma proposta bastante eficaz para promover a leitura dos textos produzidos entre os membros da comunidade, ao assegurar o que podemos chamar de uma recepção cruzada ou “barganhada” desses textos.

São frequentes os convites para a produção de *fanfics* interativas, aceitos com entusiasmo pelo grupo. Nessa modalidade de produção, o fã escritor propõe a outros membros que lhe forneçam as personagens para compor uma narrativa a ser elaborada. Os colaboradores, que aceitem participar, enviam fichas contendo a descrição da aparência física da personagem, do seu perfil psicológico e de comportamento, entre outros dados importantes para nortear a construção do texto, como informações sobre a vida pregressa da personagem. Nessa escrita comunitária ou colaborativa – que depõe sobre os deslocamentos das práticas

tradicionais de autoria junto aos meios eletrônicos e digitais contemporâneos (Martins, 2014) –, o fã escritor proponente ocupa a posição de um orquestrador de textos ao reunir as personagens que lhe são “doadas”, construindo um enredo que abarque todas elas. Geralmente, a narrativa é publicada em capítulos, acompanhados fielmente por seus colaboradores, que leem e comentam sobre o desempenho das personagens que ajudaram a criar. Em alguns casos, após dar início à publicação do texto, o proponente da *fanfic* interativa mantém as vagas abertas para abrigar novos colaboradores durante um período de tempo bastante estendido. E assim os capítulos se desenvolvem à medida que novas personagens vão “chegando”, o que permite criar uma narrativa expandida, que se prolonga enquanto dura o fôlego de seu produtor e coprodutores.

Com o propósito de intensificar a produtividade e a participação de seus membros, a comunidade também promove eventos virtuais no Facebook, entre os quais merecem destaque os desafios. Tomemos como exemplo o “Desafio de Outubro – Drabbles”, que acontece anualmente e consiste em propor aos participantes que criem e postem diariamente, durante todo o mês de outubro, pequenas histórias inéditas (ou capítulos) com exatamente 100 palavras, de modo a formar uma narrativa coesa ao final do mês. A título de desafio, a cada dia, um dos membros da equipe gestora da comunidade lança uma palavra-chave diferente, a qual deve ser obrigatoriamente incluída nos textos produzidos pelos participantes. A palavra lançada pode pertencer a qualquer classe gramatical e é, geralmente, um vocábulo pouco usual na linguagem cotidiana – o que dificulta mais a tarefa de empregá-lo, tornando, assim, o desafio mais instigante¹¹. É imperativo que a palavra em questão, a qual não pode ser editada ou substituída por qualquer sinônimo, seja incluída no capítulo do dia, adequando-se ao conteúdo desse capítulo, sem comprometer a coerência de toda a narrativa que está sendo construída. Podemos inferir que o objetivo é dar ao fã escritor a oportunidade de testar as suas habilidades redacionais, seja em relação à economia da escrita, com a produção de capítulos muito curtos, seja no tocante à dimensão semântica do seu texto, o qual deve absorver palavras aleatórias, de sentidos inusitados, e lançadas “de surpresa”.

Entre os eventos culturais mais comentados pela comunidade está o torneio de escrita “UFC Fanfiction”, promovido pela “Liga dos Betas” durante três anos consecutivos, de 2016 a 2018¹². O torneio, cujo nome se inspira em campeonatos de artes marciais mistas, bastante conhecidos na atualidade, consiste em promover batalhas entre os fãs escritores inscritos, visando testar a sua perícia para criar narrativas sob circunstâncias especialmente desafiadoras: prazos curtos de tempo para a conclusão e entrega dos escritos (48 horas); limitação do volume de texto produzido, que pode variar de 350 a 2 mil palavras, conforme seja a etapa da prova; construção de uma narrativa com vários capítulos, devendo o escritor fã incluir em cada capítulo um tema aleatoriamente lançado pela comissão do torneio, sem prejudicar a coerência do enredo já construído ao

11 A título de exemplo, entre as palavras-chave que já foram contempladas nos Desafios de Outubro da *Nyah! Fanfiction*, citamos aqui três: “abroeirado” (grosseiro), “enatar” (encher de nata), “duraque” (tecido forte e consistente).

12 Tanto no site da *Nyah!* quanto nas redes sociais da comunidade, não há registros que levem a conhecer a razão pela qual o evento deixou de ser promovido após essas três edições. Contudo, podemos inferir que um possível motivo foi o término da relação de exclusividade que a “Liga dos Betas”, grupo organizador do evento, mantinha com a comunidade *Nyah! Fanfiction*. Segundo informações coletadas em postagens no Facebook, a “Liga” se tornou independente desde pelo menos 2020, quando passou também a estender os seus serviços de revisão textual a outras plataformas e comunidades de *fanfiction*, o que possivelmente sobrecarregou o grupo de betas, inviabilizando a organização de um evento tão trabalhoso quanto o “UFC Fanfiction”.

longo do percurso. A estrutura do campeonato abrange dez rodadas e, por último, as fases semifinal e final, levando em média mais de 30 dias para a duração total do evento.

Em todas as rodadas do campeonato, que são disponibilizadas no *site* e também no Facebook, para que a comunidade possa acompanhar e interagir em peso, os concorrentes obtêm uma pontuação, atribuída pela comissão julgadora, a partir dos critérios de avaliação constantes no regulamento do torneio, o qual é previamente divulgado em todas as redes sociais da comunidade. A comissão publica na rede uma tabela com a pontuação dos candidatos, atualizando-a a cada rodada. Como prêmios, os concorrentes que obtêm a segunda, terceira e quarta colocações recebem, cada um, um *e-book*. O primeiro colocado, vencedor do torneio, recebe, além de um *e-book*, o convite para participar de um episódio do Betacast, o *podcast* da “Liga dos Betas”, ou, caso prefira, pode conceder uma entrevista para o *blog* da “Liga”. O vencedor é premiado ainda com a resenha de uma *fanfic* de sua autoria, cuja escolha fica a seu critério, não se restringindo ao texto criado durante o torneio. A resenha é produzida por um dos leitores beta, membro da comissão organizadora do evento, e é publicizada nas redes sociais da comunidade.

O árduo processo de disputa, a exposição pública na rede e o teor da premiação concedida ao melhor colocado permitem vislumbrar, no torneio, uma espécie de ritual de consagração, tão eficiente e valioso para os fãs quanto os concursos literários convencionais podem ser para escritores profissionais ou em vias de profissionalização. Porém, vale observar que, à diferença desses concursos, o foco do UFC Fanfiction parece estar menos no resultado final da disputa do que em todo o processo de escrita a que os concorrentes se submetem. Nos concursos literários mais conhecidos, cujo objetivo é, geralmente, validar e/ou inaugurar obras e carreiras para o mercado editorial, o certame é realizado a partir de textos concluídos, os quais são julgados em sua totalidade, de forma derradeira, cabendo aos concorrentes e ao público torcer e aguardar pelo momento da divulgação do resultado. No torneio da *Nyah! Fanfiction*, os textos são julgados à medida que vão sendo produzidos, por etapas e “no calor da hora”; trata-se de *work in progress*, com uma escrita que vai se aprimorando/modificando ao longo das rodadas de desafios. Por acréscimo, os textos em disputa ficam também disponíveis à leitura e aos comentários dos membros da comunidade, que acompanham o processo de criação e podem opinar sobre os escritos, ao tempo que lançam palavras de incentivo aos candidatos de sua preferência.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

As atividades anteriormente relacionadas, entre outras que alimentam o cotidiano da *Nyah! Fanfiction*, permitem traçar um esboço da vida literária na comunidade, levando à compreensão de que estamos, aqui, diante de um mundo da arte relativamente alternativo, construído por (e para) um público amplo, com forte influência junto aos seus participantes. Nos domínios da internet, esse mundo se estrutura e funciona com uma economia própria, com os seus próprios mecanismos de legitimidade, à revelia das instituições tradicionalmente autorizadas ao exercício do saber/fazer literário, como a escola, a crítica ou o mercado editorial. Dessas instituições a cultura fã retira alguns códigos e protocolos de ação, que são oportunamente usufruídos, mas agora sob circunstâncias

distintas. E assim, diante da abertura de espaços que as mídias digitais propiciam, os fãs passam a desempenhar não somente o ofício de escritores, como também o de críticos, revisores, promotores e mediadores culturais, sem que lhes seja exigido ingressar formalmente em uma carreira especializada para ter acesso a tais experiências.

Considerando que um mundo da arte, nos termos de Becker (2010), consiste em uma rede formada por vínculos de cooperação entre instâncias de produção, distribuição, consumo e avaliação do produto artístico, podemos dizer que as comunidades dedicadas à escrita de *fanfictions* reúnem todos esses atributos. Mas devemos notar, aqui, uma diferença importante. Quando se trata do mundo instituído da literatura, forjado tradicionalmente pela cultura do livro (em especial, o impresso), talvez seja comum não parar para pensar no conjunto de atividades que são fundamentais para que um texto criado por determinado autor adquira materialidade e chegue, efetivamente, até as “mãos” do público. Pouca ou nenhuma atenção parece ser dada aos papéis do editor, revisor, diagramador, agente literário, livreiros e demais intermediários. À medida que o livro se tornou um objeto reproduzível, em escala industrial, convencionou-se que o valor da obra publicada “reside no seu conteúdo literário e não no objeto que a materializa” (Becker, 2010, p. 154). Assim, diante do produto livro, é como se o processo de divisão do trabalho que o tornou materialmente possível ficasse relegado ao esquecimento, e tudo dependesse tão somente do esforço solitário daquele que é responsável pela criação do seu conteúdo simbólico, imaterial, e cuja rubrica vai impressa em destaque na capa do volume – o autor.

O diferencial das comunidades de fãs *on-line* reside no fato de que, embora o autor de *fanfics* possa vir a conquistar prestígio individual pelas narrativas que produz, não há como e nem por que negar a relação de dependência da sua escrita para com os recursos tanto tecnológicos quanto humanos que os usos das plataformas digitais disponibilizam. Aqui, longe de serem esquecidas, as atividades necessárias para a produção e a distribuição do artefato literário ganham relevo e ficam publicamente evidenciadas em sua materialidade. Cada ação ou comando que um usuário executa na página de uma *fanfic* vai gerar um resultado relevante dentro da economia da cultura fã que a plataforma digital torna viável. Trata-se de um mundo da arte “a céu aberto” nas telas, que expõe as funções desempenhadas por membros do grupo – seja a de programador e técnico de suporte, mediador de conteúdo, escritor, comentador, leitor beta ou promotor de eventos –, ao tempo que deixa à mostra os meios e procedimentos fundamentais à movimentação do grupo na rede.

Cabe, por fim, observar que, mesmo com todo o seu vigor colaborativo e senso de interação, as comunidades de fãs não estão imunes a desacordos ou mal-estares que eventualmente surjam entre seus integrantes, razão que pode levar ao desligamento de alguns deles ou, inclusive, provocar a dissolução de todo um grupo. Há exemplos de grupos que findam e depois ressurgem com um novo nome e feição, graças ao esforço de alguns membros remanescentes. Mas, em geral, os possíveis desentendimentos não superam o interesse de formar e manter a rede de vínculos que envolvem as produções dos fãs e os capitais culturais aí gerados, segundo estudiosos. Esse parece ser o caso da *Nyah! Fanfiction*, que permanece em atividade na rede há dezoito anos, um período razoavelmente longo, se considerarmos a condição de efemeridade que rege a vida das coisas na internet.

Durante esse período em atividade, integrantes da comunidade possivelmente se retiraram do grupo, ao tempo que novos adeptos ingressaram, cabendo aos membros antigos (ou novatos mais engajados) a tarefa de repassar aos que chegam o entendimento de que produzir ficções de fãs, na atualidade, é, sem dúvida, mais do que dar vazão às demandas dos leitores por reescrever, continuar ou transformar as suas narrativas favoritas. Trata-se do empenho de cada um para fazer girar um circuito comunitário de distribuição, recepção e legitimação dessas produções literárias, um circuito que seja capaz de bastar a si mesmo, retirando o melhor proveito dos recursos midiáticos à disposição.

LITERARY LIFE IN AN ON-LINE FAN COMMUNITY

Abstract: This article discusses on-line fanfiction communities, based on the understanding that these communities operate as art worlds (Becker, 2010), which consist of cooperation networks between people, with a view to the production, distribution, consumption and legitimation of artistic products. It is conceivable that in platforms dedicated to writing and reading fanfictions, the dependence on collective and shared work in dealing with literature is evident, and this collaborative dimension is now facilitated by the use of resources available in digital media. For the development of the proposed discussion, the present article examines the Brazilian community *Nyah! Fanfiction*, which stands for a homonymous site on the web.

Keywords: Literature. Fan culture. Digital media. Art worlds. *Nyah! Fanfiction*.

REFERÊNCIAS

- BECKER, H. S. *Mundos da arte*. Tradução Luís San Payo. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196. (Obras escolhidas, v. 1).
- BLOG da Liga [on-line] s/d. Disponível em: <https://ligadosbetas.blogspot.com/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- BOURDIEU, P. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Tradução M. G. J. Setton. São Paulo: Zouk, 2004.
- JAMISON, A. *Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo*. Tradução M. Barbão. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. Tradução S. Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, H. *Invasores do texto: fãs e cultura participativa*. Tradução E. Assis. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Tradução Patricia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

MARTINS, B. C. *Autoria em rede: os novos processos autorais através das redes eletrônicas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

NYAH! FANFICTION. Disponível em: <https://fanfiction.com.br/>. Acesso em: 20 set. 2023.

NYAH! FANFICTION (Oficial). Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/103030110037641/?ref=bookmarks>. Acesso em: 18 set. 2023.

SHIRKY, C. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Tradução C. Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

THOMPSON, D. *Hit makers: como nascem as tendências*. Tradução A. Duarte. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

THOMPSON, J. B. *As guerras do livro: a revolução digital no mundo editorial*. Tradução F. Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

VARGAS, M. L. B. *O fenômeno fanfiction: novas escrituras e leituras em meio eletrônico*. Passo Fundo: UPF Editora, 2015. Disponível em: <http://editora.upf.br/index.php/e-books-free/132-o-fenomeno-fanfiction>. Acesso em: 13 set. 2023.